

## REMIXES E LEITURAS HIPERMIDIÁTICAS: REFLEXÕES SOBRE OS LETRAMENTOS DIGITAIS EM LÍNGUA INGLESA NA UFPI

**Silvia Monica Moura LIMA**

**Beatriz Gama RODRIGUES**

*Universidade Federal do Piauí*

**Resumo:** Atualmente, as novas tecnologias perfazem as interações sociais humanas. Para os nascidos na era digital, esses letramentos intensificam-se: jovens e adolescentes editam fotos, textos e vídeos, fazem colagens e remixagens, interativamente, via web. No tocante ao universo teórico, percebemos que várias abordagens, hoje, adotam a heterogeneidade de práticas sociais de leitura e escrita desempenhadas tanto em esferas como a igreja, a escola, a universidade e o trabalho (letramentos dominantes), quanto os provenientes das novas tecnologias e de valores culturais locais como o hip-hop, hipertextos e o grafite. Fundamentamos esse trabalho a partir das leituras de Coscarelli (2005), Rojo(2009,2012, 2013), Ferrari (2012), Gomes(2011), dentre outros. Nosso corpus é constituído por relatos e informações de 15 alunos graduandos. A coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2013, objetivando refletir como a Universidade Federal do Piauí, sobretudo na disciplina de inglês instrumental, articula-se aos novos letramentos, como a leitura hipermidiática e as práticas de remixes. Ao analisarmos os dados fornecidos pelos questionários, constatamos que a universidade nem sempre reflete essa realidade, ainda é necessário fazer uso de políticas educacionais que visem à heterogeneidade de letramentos, que possibilitem ao professor reflexão sobre os recursos do sistema online e que podem tangenciar essas práticas plurais.

**Palavras-chave:** Remix. Leitura. Hipermídia. Inglês. Letramento digital.

## REMIXES AND HYPERMEDIA READINGS: REFLECTIONS ON ENGLISH DIGITAL LITERACIES AT UFPI

**Abstract:** Nowadays, new technologies pervade human social interactions. To those born in the digital age, these literacies are intensified: young people and teenagers edit photos, texts and videos, they make collages, remixes, interactively via web. Regarding the theoretical universe, we can reflect that approaches today mirror the heterogeneity of social practices of reading and writing performed in spheres as diverse as churches, schools, colleges and work (dominant literacies), and also the coming of new technologies and local cultural values, such as hip-hop, hypertexts and graffiti. We base this work on the readings of Coscarelli (2005), Rojo (2009,2012, 2013), Ferrari (2012), Gomes (2011), and others. Our corpus consists of reports and

information from 15 undergraduate students. Data collection occurred in the second semester of 2013, in order to reflect how the Federal University of Piauí, especially the English for Specific Purposes (English Reading) course, articulates the new literacies, such as hypermedia reading and remix practices. Analyzing the data provided in the questionnaires, we found that the university does not always reflect this reality, it is still necessary to make use of educational policies targeting the heterogeneity of literacies that enable the teacher to reflect on the resources that the online system has and can tangent these plural practices.

**Keywords:** Remix. Reading. Hypermedia. English. Digital literacy.

## REMIXES Y LECTURAS HIPERMEDIÁTICAS SOBRE LAS LITERACIDADES DIGITALES EN INGLÉS EN LA UFPI

**Resumen:** En la actualidad, las nuevas tecnologías constituyen las interacciones sociales humanas. Para los que han nacido en la era digital, estas literacidades se intensifican: los jóvenes y adolescentes editan fotos, textos y videos, hacen collages y remixes interactivamente en la web. En relación al universo teórico, varios abordajes, hoy, adoptan la heterogeneidad de las prácticas sociales de lectura y escrita desarrolladas tanto en esferas como la iglesia, la escuela, la universidad y en el trabajo (literacidades dominantes), cuanto a los provenientes de las nuevas tecnologías y de valores culturales locales como el hip-hop, el grafiti y el hipertexto. Esta obra está basada en las lecturas de Coscarelli (2005); Rojo (2009, 2012, 2013); Ferrari (2012); Gomes (2011); entre otros. Nuestro corpus está compuesto de informes y datos de 15 estudiantes de posgrado. La coleta de datos ocurrió en el segundo semestre de 2013, con el fin de reflejar como la Universidad Federal do Piauí, en especial en la asignatura de Inglés Instrumental, articula las nuevas herramientas como las prácticas de lectura e hipermedia remixes. El análisis de los datos del cuestionario nos ayudó a constatar que la universidad no siempre refleja la realidad. Sigue siendo necesario hacer uso de políticas educativas dirigidas a la heterogeneidad de las alfabetizaciones que permiten al profesor reflexionar a cerca de los recursos que el sistema en línea tiene y que pueden orientar esas prácticas plurales.

**Palabras Clave:** Remix. Lectura. Hipermedia. Inglés. Literacidad digital.

### INTRODUÇÃO

As tecnologias têm se tornado ferramentas fundamentais ao ser humano. No período da Pedra Lascada, por exemplo, os utensílios rudimentares foram essenciais para a sobrevivência dos primitivos que os auxiliavam na caça, bem como nas representações imagéticas que incrustavam nas rochas. A evolução gradual de suportes – tábulas de argila, madeira, rolo, códice, livro e instrumentos como pena, goiva e lápis – possibilitou a

transcrição do pensamento e a interação muito maior entre as pessoas, que passaram a escrever recados, enviar mensagens, telegramas, etc.

Hoje, compactuamos de uma rede de textos conectados na virtualidade que satisfazem os papéis que exercemos como cidadãos. As novas tecnologias, portanto, perfazem as interações sociais como a consulta ao saldo no caixa eletrônico de um determinado banco, a mensagem instantânea recebida pelo celular, a conversa intermediada pela *webcam*, o voto praticado numa urna eletrônica; enfim, realizamos várias práticas de leitura, escrita e outras habilidades por meio desses artefatos.

No tocante ao universo teórico, podemos refletir que as abordagens, hoje, refletem a heterogeneidade de práticas sociais de leitura e escrita desempenhadas tanto em esferas como a igreja, a escola, a universidade e o trabalho (letramentos dominantes), quanto aquelas provenientes das novas tecnologias e de valores culturais locais, como o hip-hop, o remix e o grafite (letramentos de cultura local) (ROJO, 2009, p. 102).

A leitura e a escrita intermediadas pelas tecnologias têm se desenvolvido mais intensamente aos nascidos da era digital. Jovens e adolescentes editam fotos, textos e vídeos, fazem colagens e remixagens, interativamente, via *web*. Por essa razão, Rojo (2009.) reflete sobre a necessidade de a escola (e ampliamos ao ambiente universitário) repercutir também os letramentos locais, ou seja, ir além da leitura e escrita alfabética, através de letramentos como os digitais e multissemióticos.

## 1. (MULTI)LETRAMENTOS DA ESCOLA À UNIVERSIDADE

O letramento chegou ao Brasil como um “neologismo” introduzido por Kato (1986), propondo uma diferenciação da alfabetização (prática de leitura e escrita particularizada em cada aprendiz) em relação às práticas sociais de uso da escrita como a leitura de jornais, *outdoors*, semáforos e a escrita de documentos, *e-mails*, anotações, recados e outros que fazem parte de nosso contexto social (SOARES, 2009, p. 15), ou, como nas palavras de Kleiman (1989 *apud* Rojo, 2009, p. 97), para distinguir os estudos do “impacto social da escrita”.

Na língua inglesa, *literacy* (letramento) significa também alfabetização. Proveniente do latim *literate*, o letramento, como conhecemos deriva de reflexões geridas ao longo do tempo sobre as práticas alfabetizadoras as quais foram contornando os significados de leitura e escrita sociais, conforme define Soares (2009, p.18):

Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever- *alfabetizar-se*, deixar de ser *analfabeto*, tornar-se *alfabetizado*, adquirir a "tecnologia" do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu *estado* ou *condição* em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O "estado" ou a "condição" que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por *literacy*.'

Desse modo, concordamos que os letramentos são competências que refratam as atividades das quais participamos na vida social. Afinal, vivemos numa cultura heterogênea, e por essa razão muitos teóricos defendem que o ambiente educacional necessita apresentar os alunos às diferentes práticas sociais letradas. Para tanto, é necessário que a “ educação linguística” leve em conta, segundo Rojo(2009, p. 107-108):

- os **multiletramentos** ou **letramentos múltiplos**, deixando de ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes [...] e colocando-os em contato com os letramentos valorizados , universais e institucionais[...];
- os **letramentos multissemióticos** exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita[...]
- os **letramentos críticos e protagonistas** requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada [...]

Logo, podemos sintetizar que os multiletramentos se referem à multiplicidade de culturas, letramentos e semioses presentes nos textos dos quais a sociedade faz uso potencial e crítico (ROJO, 2012, p. 13).

Da mesma maneira que ocorre na escola, espera-se que a universidade seja uma “agenciadora de letramentos” que possibilite o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos com finalidades que os conduzam a vislumbrar práticas sociais além do ambiente acadêmico. No tocante à leitura, a universidade pode abraçar as multissemioses presentes nos textos contemporâneos, refletir sobre os letramentos urbanos como o grafite e o internetês, isto é ir além da mediação de leitura e escrita crítica de resumos, artigos científicos e fotocópias num preto e branco “sem gosto”. No que concerne aos novos letramentos, pode levá-los a navegar por contextos hipermediáticos, principalmente na era digital em que vivemos, cujos textos têm se inebriado de hipertextos e refletem o comportamento social das pessoas *online*, conforme Lemke (2010, p.472):

Agora, a aprendizagem muda. Ao invés de sermos prisioneiros de autores de livros-texto e de suas prioridades, escopos e sequências, somos agentes livres que podem encontrar mais sobre um assunto que os autores sintetizaram, ou encontrar interpretações alternativas que eles não mencionaram (ou com as quais concordam ou até mesmo consideram morais ou científicas). Podemos mudar o assunto para adequá-lo ao nosso juízo de relevância para nossos próprios interesses e planos e podemos retornar mais tarde para um desenvolvimento padrão baseado no livro-texto. Podemos aprender como se tivéssemos acesso a todos estes textos e como se tivéssemos um especialista que pudesse nos indicar a maioria das referências entre tais textos. Temos agora que aprender a realizar formas mais complexas de julgamento e ganhamos muita prática fazendo isso.

No próximo tópico, mencionaremos a importância dos letramentos digitais nas academias, sobretudo a leitura hipertextual (hipermediática) nas aulas de leitura em língua inglesa.

## **2. LEITURA HIPERMIDIÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

A leitura torna-se fundamental nas práticas socioculturais cotidianas. Percebemos isso quando precisamos fazer simples atividades como ir ao supermercado, comprar ingredientes e seguir a receita de um bolo ou até mesmo ler uma notícia sobre a política local na *web*. a leitura nos ajuda a desenvolver outras competências, a nos informar, a aprender coisas novas. Contribui para a inclusão social dos indivíduos, pois podemos nos posicionar criticamente face

às ideologias e aos valores propagados em textos diversos, bem como nos prepararmos para a vida acadêmica, profissional e para o convívio com diferentes grupos sociais.

Igualmente, hoje (e já há algum tempo), é indiscutível a relevância da língua inglesa. Muitas pessoas vivem tangenciadas por um mundo globalizado não só por proximidades locais e acessos permitidos pelos meios de transporte, mas, sobretudo, pela influência imediata das novas tecnologias internetificadas que redefinem as barreiras temporais e espaciais em sua virtualidade. Postagens repletas de informações presentes nesse meio abrem espaço para a troca de experiências, conhecimentos e culturas.

Em meio a essa fonte quase que inesgotável de informações circulantes, estão os textos oriundos de pesquisas recentes, em sua maioria publicados em língua inglesa (língua tida como “oficial” para a troca de informações científicas), os quais, em geral, embasam a formação inicial e continuada nas universidades. Por essa razão, o desenvolvimento da competência leitora em língua inglesa tem se tornado prioridade e parte da grade curricular de muitos cursos acadêmicos.

Apesar de discussões teóricas sobre leitura não ser uma novidade, esse parece ainda um tema inesgotável mediante as possibilidades comunicativas propiciadas pelas novas tecnologias e a preocupação constante que temos sobre o agir social nesses suportes, os papéis na interação e como isso tudo é refletido na abordagem de leitura em sala de aula (KOCH; ELIAS, 2006); (KLEIMAN, 2008); (COSCARELLI, 2009); (ROJO, 2009, 2012, 2013) Essa preocupação é válida porque a mediação da leitura “se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas” (SILVA, 2011, p.35).

No entanto, a responsabilidade das esferas educacionais em tornar cidadãos leitores e escritores restringe-se, muitas vezes, ao “ensino do registro verbal” (SILVA, op. cit.). Não negamos a importância dessa prática. Na verdade, acreditamos que a escrita “alfabética” seja imprescindível para a inclusão social do aluno em esferas como a graduação, pós-graduação e o trabalho, mas ressaltamos a importância dessas esferas escolares e acadêmicas se aproximarem também de sua realidade, dos letramentos pouco valorizados, como os digitais, perante a intensidade de eventos comunicativos mediados pelas tecnologias.

A educação parece criar um invólucro e hipervalorizar somente as práticas de leitura e escrita de valores legais e culturalmente dominantes (o u institucionalizados) (HAMILTON, 2002, p.4 *apud* ROJO, 2009) como as associadas a “organizações formais como a escola, as igrejas, o local de trabalho, o sistema legal, o comércio, as burocracias” em detrimento de letramentos vernaculares de cultura locais como o internetês. Não podemos limitar o ambiente educativo, pois é necessário refletir sobre a vivacidade das práticas plurais comunicativas com as quais interagimos culturalmente. Nesse aspecto, concordamos com Augé a respeito do isolamento cultural:

[...] uma cultura que se reproduz de maneira idêntica (uma cultura de reserva ou de gueto) é um câncer sociológico, uma condenação à morte, assim como uma língua que não se fala mais, que não inventa mais, que não se deixa contaminar por outras línguas, é uma língua morta. Portanto, há sempre um certo perigo em querer defender ou proteger as culturas e uma certa ilusão em querer buscar sua pureza perdida. Elas só viveram por serem capazes de se transformar (AUGÉ 1998, *apud* Pretto, 2012, p. 99).

Por isso, retomamos o pensamento de buscarmos incluir o aluno socialmente às práticas emergentes requeridas hoje. Ademais, no que concerne às aulas de leitura, enquanto educadores, é importante auxiliar os alunos no desenvolvimento de sua competência de forma que seja oportunizada a leitura de textos diversos, não apenas os verbais, mas também as demais formas de construção de sentido plásticas e plurais.

### 2.1 Letramentos emergentes: hipertexto, hipermodalidade, hipermídia

O letramento digital, “conjunto de práticas socialmente organizadas que fazem uso de sistemas simbólicos e da tecnologia para atuar com propósitos específicos em contextos específicos” vem sendo realizado “espontaneamente” (GOMES, 2011, p. 14) pelas pessoas, mas ainda necessita de mais espaço nas academias. Mudanças nas práticas discursivas virtualizadas estremecem um sistema “consolidado” em letras para uma leitura multissemiótica de novos gêneros de texto.

Uma dessas práticas é a leitura e escrita hipertextual, cuja trama se dá por linguagens anteriormente reconhecidas como “periféricas” e que hoje são “salientes” e muitas vezes “protagonistas” nos eventos comunicativos atuais como “imagens fixas ou em movimento” (GOMES, 2011, p. 13). Compreendemos o hipertexto como um conjunto de textos interligados por nós ou links (palavras, imagens, páginas, áudios, etc.) que os conectam numa teia organizada, o que caracteriza sua não-linearidade (COSCARELLI, 2005, p.111).

Embora a leitura hipertextual não seja uma atividade eminentemente digital, tendo em vista que lemos em “saltos” em suportes impressos como notas de rodapé, gráficos, índices, sumários ou imagens ancoradas ao texto escrito (ROUET; LEVONEN, 1996 *apud* COSCARELLI, 2005, p. 113), e realizamos várias pontes inferenciais em nosso percurso de leitura, na realidade, a hipertextualidade intensificou-se mais ainda no ciberespaço. Diante disso, Rojo (2013, p.8) destaca a importância de acompanharmos, como professores, os novos letramentos:

Se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências /capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. Hoje, é preciso tratar da hipertextualidade e das relações entre diversas linguagens que compõem um texto, o que salienta a relevância de compreender os textos da hipermídia.

Por sua peculiaridade não linear, cuja leitura é exercida pela navegação em cliques e direções tomadas pelo interlocutor, cogitamos que as novas tecnologias refletem ainda mais sobre as profundezas persistentes entre o leitor e o autor, bem como as definições rígidas de emissor e receptor (NORJOSA, 2012, p. 74). A leitura hipertextual exige do indivíduo habilidades e estratégias para sua construção do sentido, que, segundo Coscarelli (2009, p. 553), pouco são desenvolvidas com os alunos:

Normalmente entregamos a eles o texto que precisam ler e não os fazemos procurar por esses textos. Na Internet, buscar é importante. Os alunos precisam saber navegar, encontrar e selecionar informações relevantes para os seus propósitos, além de ser capazes de localizar informações, fazer vários tipos de inferência, reconhecer efeitos de sentido, estabelecer relações lógico-discursivas, entre outras.



Mediante os fatos, relevamos a importância da leitura de textos cibernéticos, cujas tramas se desenvolvem numa intensidade muito maior por linguagens plurais, cujos sentidos são construídos pela “interação do leitor com o hipertexto, o que o desloca de uma posição estática de fruidor para a dinâmica da co-autoria” (QUEIROZ, 2001, p. 185).

Nessa perspectiva, consideramos que “as práticas pedagógicas não podem passar ao largo das práticas discursivas que se atualizam efetivamente na sociedade, nos mais variados contextos” (ARAÚJO E BIASI-RODRIGUES, 2005, p.13 ). Portanto, torna-se pertinente a elaboração de metodologias e práticas pedagógicas flexíveis aos usos tecnológicos interativos que se fazem na comunicação.

O desenvolvimento da habilidade de leitura em textos eletrônicos se torna conveniente nas práticas pedagógicas atuais, pela necessidade que temos de relativizar essas experiências realísticas nas aulas. Entretanto, isso não se resume em “ler por ler”, significa oportunizar o letramento digital, o conhecimento de como essa tecnologia funciona, como o interlocutor-aluno pode desenvolver sua habilidade de leitura por meio de estratégias que possibilitem a compreensão do texto de maneira ativa, aflorando a reflexão e criticidade do aluno.

A leitura como decodificação de palavras, fruto de uma relação passiva com o texto, deve ser ultrapassada por teorias que contemplem o texto como um local de interação. Na virtualidade, o produtor do texto cria através de hipertextos predefinições sobre os caminhos que ele quer que o leitor compreenda, mas o leitor pode muito bem trilhar outros caminhos, buscar outras referências, abrir outras “abas” e “janelas” que lhes são disponíveis. O leitor contemporâneo se engaja, participativamente, pois na *web* o diálogo pode ser muitas vezes mais realístico com o autor. Por exemplo, ao ler uma postagem num blog, o leitor pode tecer comentários, opinar, ou mesmo selecionar um texto e o remixar, acrescentando suas ideias e o tornando exclusivo. Sobre essa prática do remix, discorreremos um pouco no tópico subsequente.

### 3. REMIX: PRÁTICAS DIGITAIS CONTEMPORÂNEAS E A EDUCAÇÃO SUPERIOR

A interatividade dos hipertextos se deve principalmente à *web 2.0*. Segundo Gomes (2011, p.20), foi a partir do ano 2000, que todos nós “podemos passar de meros ‘consumidores de informação’, a também ‘produtores’”. A partir disso, os hipertextos se flexibilizaram em cores, sons e movimentos. A contínua ampliação desses hipertextos pode ser percebida nos *smart e ultra* eletrônicos: geladeiras, carros, celulares, TVs e *tablets*.

O reflexo de uma “cultura livre” mediante a convergência de tecnologias e mídias como textos, imagens e vídeos colaborativos é retratado por Rojo (2012, p.25) como o “fratrimônio da humanidade”. Fazendo um trocadilho com o jardim da infância, podemos dizer que as práticas digitais requeridas atualmente reavivam o recortar, copiar, colar e linkar (ligar) com propósitos sociais. A incidência maior dessas remixagens pode ser conferida nas publicações frequentes de redes sociais como *Facebook*, *Youtube*, *Overmundo* e *Wikipedia*. Mas, afinal, o que viria a ser o remix?

Muitos poderiam presumir o remix como o resultado de uma mistura ou colagem de áudios e músicas editadas num estúdio profissional ou por alguns apaixonados pela música eletrônica como DJs. Mas não se resume apenas a isso. A “ideia de mistura, de reutilização e reformulação de outros textos para produção de um novo” provém ainda da Grécia Antiga, das técnicas de vanguardas europeias como o dadaísmo e o cubismo, e de muitas adaptações que sofrem as produções autorais no meio artístico e literário como filmagens e novelas (NASCIMENTO, 2012, p. 3).

Atualmente, esse significado tem se expandido em nossa cultura em virtude de facilidades proporcionadas pelas próprias tecnologias digitais. Fazemos adaptações, recortes e colagens não apenas audiovisuais, mas também de obras literárias, pinturas, imagens (estáticas ou em movimento) recortadas de trechos de filmes, cartazes, revistas, internet, dentre outros, e “colados” ou alterados através de programas de edições de imagem, texto e vídeos.

Em virtude disso, consideramos que a prática de remixagem poderia ter mais espaço e ser incluída na formação acadêmica. Em casa, no trabalho, no lazer, a leitura e escrita na

internet são uma realidade plena da cultura local e global. As novas tecnologias na educação superior, muito mais do que ferramentas, necessitam ser refletidas como objetos de aprendizagem, isto é, oportunidades para que o professor e a instituição possam refletir sobre as práticas de leitura e escrita colaborativas. Dessa maneira, concordamos com Rojo (2012, p.37):

No espaço digital, a autoria se confronta diariamente com a apropriação: leitor e autor nunca interagiram de maneira tão intensa, e os espaços de produção são cada vez mais interativos e colaborativos (um exemplo disso é a Web Wiki). [...] os ambientes colaborativos parecem se restringir ao universo virtual. Mesmo assim, as salas de aula seriam excelentes espaços para a construção de múltiplos textos e linguagens [...]

Para Lemos (2005, p. 1), a remixagem surge de práticas emergentes: “conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, cut-up de informação a partir das tecnologias digitais”. Esse tipo de remix é identificado por Lessing (2008, p. 69) como remix midiático, cuja criação é bastante plural em semioses, haja vista que utiliza recortes, citações ou ancoragens de “sons sobre imagens, vídeos sobre textos (verbais), ou textos sobre sons” (tradução livre).

Na realidade, o remix ganhou outro olhar a partir do contato que tivemos com conteúdos hipermediáticos, conforme Bressane (2012, p.150): “A hipermídia oferece ao produtor/autor uma gama de possibilidades de cruzamentos e interseção de modalidades diferentes de linguagem nunca oferecidas antes por nenhuma outra mídia”, e que agem diretamente no comportamento e interação dos usuários da rede. Concordamos, portanto, com Ferrari (2012, p. 84; 88) sobre as práticas discursivas contemporâneas:

As novas tecnologias de informação, em especial as formas **hipertextuais**, vêm preencher uma lacuna dupla, seja em permitir o acesso à rede de informação como também o acesso a arquivos pessoais ou coletivos, que serão **remixados** numa eterna bricolagem de narrativas, sejam elas **textuais, imagéticas, audíveis ou sensoriais**.<sup>1</sup>

[...] a partir do século XIX o leitor anônimo ganhou força e começa a perceber o surgimento - pelas bordas, quase imperceptível - de

---

<sup>1</sup> Grifos nossos

ambientes de compartilhamento de experiências e informações como, por exemplo, os blogs, fotologs, músicas *on demand* [...]

Desse modo, podemos destacar a importância de a universidade promover os letramentos digitais como os remixes e a leitura de textos digitais, refletindo sua construção multilinear, o envolvimento de diferentes linguagens, como palavras, imagens e sons, ou melhor, hipermodalidades (hipertextos multimodais) (LEMKE, 2002, *apud* GOMES 2010, p. 97) e que conduzem a uma teia de significações distribuídas em seus escritos.

#### 4METODOLOGIA

Objetivamos nesse artigo refletir como a Universidade Federal do Piauí, sobretudo a disciplina de inglês instrumental, contribui para a formação dos alunos, mediante os usos sociais que fazemos das novas tecnologias como a leitura hipermodal e as práticas de remixagem na *web*. No intuito de refletirmos sobre essas práticas, elaboramos um questionário semiestruturado *online* com as seguintes perguntas:

1. Qual o seu curso?
2. O que lhe motivou escolher a UFPI como instituição de estudo?
3. Qual sua relação com as tecnologias digitais? Que artefatos tecnológicos costuma utilizar no seu dia-a-dia?  
 videogame  tablet  
 aparelho de som  smartphone  
 outro: \_\_\_\_\_  notebook
4. Quantas horas por dia você costuma acessar a internet?  
 20 minutos  4 horas  
 2 horas  10 horas  
 3 horas  outro
5. Que tipos de textos você lê na universidade?
6. Quais dessas atividades você já realizou?  
 editou uma foto e publicou no instagram, facebook, twitter  
 elaborou um videoclipe no windows movie maker e publicou no youtube

- criou um blog e fez postagens
- pegou fotos no Google e fez slides
- fez uma colagem de fotos ( e textos) e publicou na web
- nenhum

7. Você acha que a UFPI satisfaz suas necessidades de leitura e escrita digitais hoje?

- sim       não

Esse questionário foi direcionado aos alunos da graduação da Universidade Federal do Piauí. Ao todo, perfizeram como sujeitos dessa pesquisa 16 alunos dos seguintes cursos: Direito (um aluno), Letras Português (três alunos), Letras Inglês (três alunos), Filosofia (um aluno), Geografia (dois alunos), Administração (um aluno), Engenharia de Agrimensura (um aluno), Engenharia Mecânica (dois alunos) e Engenharia de Produção (um aluno). Para efeitos de análise, resolvemos identificá-los através de letras do alfabeto. Discutiremos, a seguir, os resultados dos questionários.

## **5. REFLEXÕES SOBRE OS LETRAMENTOS DIGITAIS NA DISCIPLINA DE INGLES INSTRUMENTAL DA UFPI**

A Universidade Federal do Piauí é uma instituição de referência na educação pública superior de nosso estado. Através de seus cinco *campi* localizados em Teresina, Parnaíba, Picos, Bom Jesus e Floriano, a UFPI se propõe a disponibilizar uma educação de qualidade, integrando o ensino à pesquisa e extensão.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (2010-2014), como parte do planejamento estratégico da UFPI, objetiva alcançar determinadas metas para a melhoria da educação superior. Ao refletir sobre a “formação ao longo da vida”, a UFPI não planeja apenas a formação profissional de seus estudantes, mas a inclusão dos mesmos enquanto cidadãos de uma sociedade, o que incide sobre suas práticas pedagógicas na instituição como “o uso de tecnologias de informação e comunicação”, reflexões e discussões midiáticas, uso de linguagens diferenciadas, mediações por hipertextos, dentre outros (EDUFPI, 2010, p. 53).

138

---

Revista CAMINHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA, Volume 11, Número 2, 2014.

Sílvia Monica Moura LIMA e Beatriz Gama RODRIGUES, REMIXES E LEITURAS  
HIPERMIDIÁTICAS: REFLEXÕES SOBRE OS LETRAMENTOS DIGITAIS EM LÍNGUA INGLESA NA  
UFPI. p. 126-146.

Disponível em: [www.unitau.br/caminhosla](http://www.unitau.br/caminhosla)

Porém, para que essa meta seja alcançada, é necessário que os outros documentos que norteiam a aprendizagem se espelhem nesses objetivos, como as grades curriculares e as ementas das disciplinas. Além disso, é necessário que o professor esteja aberto a colaborar com esses letramentos e que a instituição propicie a infraestrutura.

A disciplina de inglês instrumental é basilar para a formação inicial e continuada, não apenas para o contexto acadêmico, mas para outras realidades exteriores à universidade nas quais os alunos poderão engajar-se, tais como o trabalho e a leitura de textos na internet –*blogs*, jornais, etc. –, e a participação em programas como o Inglês Sem Fronteiras (IsF), os quais ampliam os horizontes dos estudantes que nele participam, tanto em questões culturais e pesquisas de ponta.

Analisando a ementa da disciplina, identificamos que esta prioriza o desenvolvimento de habilidades de leitura de textos acadêmicos e outros para os quais o aluno necessitará ser “instrumentalizado” ou letrado para o progresso de seus estudos. São oportunizadas reflexões sobre a leitura, a tomada de consciência de como a leitura é processada e como o aluno poderá facilitar sua aprendizagem, voltando-se para sua própria cognição, buscando estratégias que facilitem o diálogo com o texto e sua compreensão.

As mudanças comportamentais do leitor na esfera digital requerem uma postura muito mais ativa na leitura, que ele navegue não apenas para constatar, mas elaborar uma opinião e produzir seus enunciados. Logo, compreendemos que a disciplina de inglês instrumental necessita propiciar a leitura hipermidiática, isto é, uma leitura por mídias ou linguagens articuladas, afinal os textos se constroem por multimodalidades.

### 5.1. EVIDÊNCIAS NOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

A disciplina de inglês instrumental é ofertada para a maioria dos cursos. Resolvemos incluir no questionário as respostas daqueles cujos cursos não ofertam a disciplina, embora reconheçamos que algumas disciplinas são equivalentes (inglês técnico científico); além disso, alguns alunos participam de cursos de extensão como o IsF (Inglês sem Fronteiras) que possibilitam o desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa na instituição.

Ao questionar-lhes sobre as motivações para a escolha da instituição UFPI como instituição de estudo, constatamos que a maioria dos discentes (10 alunos) estão satisfeitos com os recursos e a estrutura que a instituição pública oferece e por sua referência:

(B): Por ser a melhor instituição pública do Piauí, em termos de estrutura para os cursos.

(K) Escolhi a UFPI porque é a melhor universidade pública em Teresina.

Os demais alunos revelaram que suas motivações se pautaram na oferta do curso por que optaram e outros motivos como a escolha dos pais. Enaltecemos que a universidade deva possuir uma infraestrutura de qualidade para que consiga fornecer aos alunos subsídios para uma boa formação acadêmica, e isso significa também o acesso às novas tecnologias como equipamentos eletrônicos de reprodução de imagem e vídeo como *datahows*, computadores e internet com acesso livre aos alunos, como laboratórios de informática, de modo que possam fundamentar também as aulas de leitura.

No tocante aos usos de tecnologias digitais, constatamos que os aparelhos que os alunos mais utilizam são os portáteis: *smartphones* (nove alunos); *notebook* (oito alunos); aparelhos de som como *mp3*, *mp4*, *ipod* (seis alunos); *tablets e ipads* (três alunos); videogame (dois alunos) e computador (dois alunos). Diante dos dados, verificamos que todos fazem uso da tecnologia digital. Quando questionados sobre a frequência com que permanecem conectados, os alunos responderam que permanecem na internet entre duas horas (seis alunos) a dez horas ao dia (cinco alunos), e isso se deve à facilidade de acesso à internet seja via *wifi* ou 3g (tecnologias de rede sem fio). Na verdade, essa pergunta torna-se trivial, tendo em vista que sabemos o quanto as tecnologias perfazem o cotidiano das pessoas. Entretanto, isso serve para refletirmos a necessidade de a universidade, disciplinas e professores repensarem sobre os novos letramentos inseridos em nossa cultura.

No tocante aos tipos de textos que os alunos leem na instituição, constatamos que a maioria lê textos (artigos e capítulos) relacionados ao seu curso (oito alunos) e livros acadêmicos (cinco alunos). Uma parte desses alunos esclarece que também leem textos eletrônicos (três alunos), revistas especializadas (dois alunos) e apostilas ou fotocópias (dois alunos). De acordo com esses dados, consideramos muito incipiente a oportunidade de leitura

digital na universidade. É claro que, para uma validação maior desses dados, seria importante investigarmos os materiais utilizados pelos professores nas aulas e incluirmos os professores na pesquisa. Ainda assim, consideramos que os alunos desenvolvem suas habilidades digitais naturalmente, pois quase todos utilizam a internet para o desenvolvimento de suas pesquisas e estudos (treze alunos):

(H): Pesquisa, trabalhos da UFPI e relatórios de estágio, e-mail. Uso do facebook..

(E) Pesquisas sobre concursos, trabalhos, assunto jornalístico entre outros. Rede social: facebook.

Esses alunos também praticam letramentos em redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, através de jogos *online* e aplicativos como *whatsapp* (13 alunos). Nesses ambientes, os alunos produzem textos, compartilham remixes de fotos, vídeos e *memes* muitas vezes com seus próprios professores que se inserem nesses círculos. Portanto, como usuários, suas práticas de leitura multimodais são variadas, como vídeos, charges, propagandas, aos quais possibilitam o desenvolvimento de seu lado crítico face aos acontecimentos contemporâneos compartilhados entre amigos.

No que concerne aos remixes hipermodais, perguntamos aos alunos quais das atividades descritas no questionário eles já realizaram. Verificamos que todos já produziram algum tipo de remix *online*:

---

Editou uma foto e publicou no instagram, facebook,twitter	16 alunos
Elaborou um videoclipe no windows movie maker e publicou no youtube	05 alunos
Criou um blog e fez postagens	04 alunos
Pegou fotos no Google e fez slides	14 alunos
Fez uma colagem de fotos (e textos) e publicou na web	6 alunos
Nenhuma atividade remix	0



Notadamente, verificamos que o remix é uma prática regular na vida dos estudantes, e isso é intensificado pelo uso de tecnologias móveis como celulares e *tablets*, que, dentre outros recursos, possuem câmeras que fotografam, filmam e reproduzem, assim como aplicativos que possibilitam a remixagem como o *Retrica*, o *Flipshare* e o *Camera 360*.

Todavia, quando perguntamos aos alunos se a universidade consegue satisfazer suas necessidades de leitura e escritas digitais, as respostas tornaram-se um pouco divididas. Uma parte dos alunos respondeu que não (nove alunos) e a outra que sim (sete alunos). Ao justificarem suas respostas, verificamos algumas evidências negativas: desatualização do acervo bibliográfico (três alunos); a internet muitas vezes não é acessível ou não funciona (três alunos); a persistência de professores tradicionais, que não utilizam (ou fazem escasso uso) das tecnologias digitais (dois alunos). As evidências positivas ressaltadas pelos alunos foram a existência de laboratórios equipados com computadores, internet e outros recursos (quatro alunos). Dois alunos não apresentaram justificativas. Destacamos alguns comentários sobre como a universidade poderia melhorar:

(J): Apresentar um acervo atual melhor, pois os escritos disponíveis apresentam uma obsoleta restrição no campo das engenharias

(M)A UFPI disponibiliza de vários laboratórios e outros recursos que facilitam na hora de se fazer uma leitura e escrita digital.

(N)A UFPI me satisfaz porque os professores incentivam muito a ler e a escrever. Passam bastante informações, dicas, mostram as facilidades de encontrar ótimos blogs e revistas virtuais em que posso fazer minhas pesquisas. Mas, infelizmente, alguns professores tradicionais não se acostumam em utilizar textos digitais e preferem os impressos, fazendo com que muitos alunos percam o interesse em ler devido a leitura impressa que é as vezes chata.

Percebemos que alguns alunos parecem insatisfeitos com os recursos que a universidade dispõe, sobretudo em relação ao acervo bibliográfico que é pouco atualizado. Na internet são disponibilizadas publicações científicas atualizadas constantemente devido à própria fluidez das informações virtuais. Outro problema que precisa ser refletido são os mediadores das aulas. Segundo Barreto (2001, p. 199), esse é um dos papéis do professor:

O leitor-professor é o sujeito que deve estar preparado para lidar com as tecnologias de leitura. E, é claro, com as leituras das tecnologias. Ser preparado para formar novos leitores no processo de ensinar/aprender novos gestos de leitura de diferentes suportes, materiais, texturas, configurações textuais etc., num movimento de apropriação das novas tecnologias.

Os professores precisam acompanhar essas evoluções que perpassam os eventos comunicativos contemporâneos. Ler e navegar na tela já não é nenhuma novidade, o que é necessário é a reflexão sobre esses usos nas aulas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos a leitura e a escrita como habilidades integradas à competência comunicativa dos indivíduos principalmente na era digital. Por essa razão, torna-se essencial a universidade ser uma “agência de letramentos” que propicie o engajamento social dos alunos e o acesso aos múltiplos letramentos (digitais, multissemióticos e críticos). A produção do remix e a leitura hipertextual, nessa perspectiva, tornam-se formas de letramentos digitais que devem ser valorizadas nas academias universitárias. Sobre a leitura, concordamos com Coscarelli (1996, p. 449):

Aquele que sabe ler tem abertas as portas do saber e da informação. Quem sabe ler pode facilmente desenvolver o hábito da aprendizagem autônoma ou semiautônoma, isto é, pode aprender o que quiser por conta própria, sem depender de ninguém, e autonomia da aprendizagem, ao que tudo indica, é uma das grandes vantagens da multimídia educacional.

Ao analisarmos os dados fornecidos pelos questionários, constatamos que a universidade nem sempre reflete essa realidade, ainda faltam recursos tecnológicos que propiciem a interação *online* na sala de aula. Assim como na educação básica, acreditamos que a educação superior precisa refletir sobre o uso de políticas educacionais que visem à heterogeneidade de letramentos, que levem o professor a pensar em como explorar os recursos que o sistema *online* possui as redes sociais, dentre outros que tangenciam nossas práticas plurais.

Portanto, abraçamos a necessidade de professores proporem aos alunos práticas como a leitura e a produção de remixes hipermodais, ou melhor, a elaboração de colagens em textos verbais, criação de links hipertextuais por imagens, vídeos e outros textos relacionados, para que esses conteúdos possam fornecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias de leitura e auxiliem os participantes a se tornarem leitores-produtores autônomos da escrita digital para uma vida além dos “muros universitários”.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J.C; BIASI-RODRIGUES, B. **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BARRETO, R.G. As novas tecnologias e implicações na formação do leitor-professor. In: MARINHO, M. (Org.) **Ler e navegar: espaços e percursos de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2010-2014/Universidade Federal do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2010.

BRESSANE, T. Navegação e construção de sentidos. In: FERRARI, P.( Org.) **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da educação digital**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COSCARELLI, C.V. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. In: **Revista Linguagem em (Dis)curso**. v.9 n. 3. Palhoça, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/06.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

COSCARELLI, C. V. Os dons do hipertexto. In: **Littera: Linguística e literatura**. Pedro Leopoldo: Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, 2006.

COSCARELLI, C. V. Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências. In: GUIMARÃES, A. M. (Org.) **Anais do VII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**. Belo Horizonte: DCC/UFMG, nov. 1996.

FERRARI,P. A hipermídia entrelaça a sociedade. In: FERRARI, P.(Org.) **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da educação digital**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GOMES, L. F. **Hipertextos Multimodais: leitura e escrita na era digital**. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

GOMES, L.F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 12ed. Campinas: Pontes, 2008

KOCH, I; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2007.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. v.49, n.2. Campinas, 2010. Disponível: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132010000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

LEMONS, A. **Ciber-cultura-remix**. São Paulo, Itaú Cultural, 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf> Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

LESSING, L. **Remix: Making Art and Commerce Thrive in the Hybrid Economy**. Londres: Bloombury, 2008.

NASCIMENTO, F.I. A escrita na tela: remix em texto e vídeo. In: Anais eletrônicos do **4º Simpósio Hipertexto e tecnologias da educação**. Disponível em: [www.nehte.com.br/](http://www.nehte.com.br/). Acesso em: 29 de dezembro de 2013.

NORJOSA, U. N. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. In: FERRARI, P.(Org.) **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da educação digital**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PRETTO, N.L. Professores-autores em rede. In: SANTANA, B; ROSSINI, C. PRETTO, N.L. (Orgs.) **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas públicas**. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012.

QUEIROZ, S. Poesias, imagens, sons & páginas virtuais. In: MARINHO, M.( Org.) **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, R; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. *Vidding*: leitura subversiva do cânone. In: BUZEN, C; MENDONÇA, M. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, E.T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 11ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2009

***Silvia Monica Moura LIMA***

Graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal do Piauí (2010). Especialista em Tecnologias Digitais e Novas Educações, pelo Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Piauí (2012). Atualmente, estudante do Mestrado Acadêmico em Letras pela Universidade Federal do Piauí (biênio 2013-2015). Possui experiência acadêmica sobre o processo de ensino/aprendizagem de leitura em língua inglesa, com foco na abordagem multimodal.

***Beatriz Gama RODRIGUES***

Possui graduação em Letras Português Inglês pela Universidade Cruzeiro do Sul (1989), mestrado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2000) e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007). Desde maio de 2008, é professora (Adjunto II) do curso de Letras Inglês, do CCHL, e do Mestrado em Letras da UFPI.